
Suspensão do pagamento dos juros estimulou a conversão

Esta tese não chegou a ser amplamente aceita por participantes do seminário. Durante o "workshop" do Banco do Brasil (BB), realizado na parte da tarde de sexta-feira, Wanderlan Carlos Bringhendi, um dos vice-presidentes da área internacional do BB, sustentou que em outros países latino-americanos onde obteve-se um acordo de renegociação da dívida, logo, uma melhora da imagem externa do país, continua havendo conversão em investimento de risco. Este seria o caso do Chile, por exemplo, cuja cotação de títulos de crédito subiu no mercado secundário para 60% do valor de face. Neste caso, uma renegociação da dívida não implicaria, necessariamente, um progressivo desinteresse pela conversão.

Na óptica de Bydalek, entretanto, uma reaproximação entre o Brasil, os bancos credores e o Fundo Monetário Internacional (FMI) tenderia a inibir a participação dos credores primários na conversão, o que restringiria a mesma ao interesse de investidores que adquiriram títulos no mercado secundário. Os bancos credores, que não possuem tradição no ramo do investimento em capital de risco, preferem um acordo de rolagem da dívida que garanta o pagamento de juros.

Na opinião de Bydalek, o Brasil não deveria estimular operações de "relending", por um lado, porque novos empréstimos perpetuam o problema da dívida, e por outro lado, porque de qualquer forma não mais se repetirão volumes de empréstimos da ordem dos verificados na década de 70. O Brasil deveria, através do processo de renegociação da dívida, estimular o mecanismo de conversão, via eliminação do deságio para credores primários. Bydalek defendeu a con-